



CAPÍTULO 28

MEMÓRIAS DOCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA: (RES)SIGNIFICANDO A DOCÊNCIA

Tatiane Peres Zawaski, Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais,
Universidade La Salle

Patrícia Kayser Vargas Mangan, Professora do Programa de Pós-graduação em Memória
Social e Bens Culturais, Universidade La Salle

RESUMO

Há tempos que as tecnologias digitais estão presentes em nosso cotidiano, de forma que muitas instituições escolares incluíram em suas jornadas de formação o referido tema, a fim de preparar os educadores para a inserção delas em suas práticas. Ainda assim, sabe-se que a utilização desses meios tecnológicos nem sempre se efetivaram nas escolas, seja por resistência às mudanças, pela falta de formação ou pelas demandas inerentes ao tempo de planejamento. Contudo, no ano de dois mil e vinte educadores não tiveram opção, pois a pandemia do Coronavírus trouxe novas perspectivas, ampliaram o uso e, de certa forma, ressignificaram as práticas cotidianas. O objetivo deste estudo foi investigar quais as “palavras” se perpetuariam na memória dos educadores, dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, de uma escola da rede privada de ensino, da região metropolitana de Porto Alegre/RS. A partir de uma pesquisa qualitativa, atenta-se para essas memórias como agente de formação de professores que tende a ressignificar as práticas docentes vindouras. Os dados analisados, a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011), comprovam que a memória é um importante artefato de/para a formação docente, de forma que por meio dela há uma ressignificação das práticas em meio a reflexões e discussões.


PALAVRAS-CHAVE: Memória. Formação Docente. Ressignificar.

INTRODUÇÃO

Em meio a uma pandemia, muitas são as reflexões propiciadas a todos os profissionais, principalmente o que mais necessitaram adaptar-se neste período. O ano de dois mil e vinte não foi fácil, porém, foi um tempo de aprendizagem, cujas lições ficarão nas memórias e histórias de todos que o vivenciaram.

Sabe-se que há tempos a inserção de tecnologias, a formação de um aluno protagonista e a perspectiva de práticas em que os docentes sejam mediadores são mensuradas nos contextos escolares. Ainda assim, ao adentrar as portas de muitas instituições, observava-se que nem todos esses fatores estavam sendo efetivados, já que muitas resistências faziam parte desta trajetória.

Estamos em tempos de profundas reflexões, após a pandemia e os seus ensinamentos, cabe a reconstrução da figura docente, a partir de suas práticas, assim como o espaço das instituições. Os alunos que serão recebidos pós-pandemia serão outros, desse modo, o fazer



docente também irá requerer uma mudança. Pensando nessas novas formas de fazer educação, insere-se um novo formato de formação docente, em que as memórias possam ser reconhecidas como formadoras, já que em meio ao passado, reflete-se e ressignifica-se o futuro.

O presente estudo objetivou investigar quais as “palavras” se perpetuariam na memória dos educadores, dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, de uma escola da rede privada de ensino, da região metropolitana de Porto Alegre/RS. De posse desses dados, bem como dos relatos a partir da escolha destes termos, traçou-se uma análise dos resultados pontuando a importância da memória enquanto agente de formação docente.

A seguir, segue o referencial teórico com algumas abordagens sobre a importância de práticas que insiram as tecnologias na educação, assim como reflexões da memória em uma perspectiva de formação docente, contribuindo para reflexões e ressignificações da prática. Na sequência traça-se o percurso metodológico e a análise dos resultados obtidos na pesquisa, ancorados no referencial abordado. Por fim, as considerações tecem a necessidade do repensar a formação e inserir as memórias, bem como a voz e as histórias do educador no percurso formativo.


REFERENCIAL TEÓRICO: ALGUMAS REFLEXÕES

A DOCÊNCIA NA ERA DIGITAL: RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS DE SALA DE AULA

Há tempos estamos vivendo em uma era em que o advento tecnológico nos surpreende com diversas informações, advindas de buscas constantes nos meios eletrônicos, que, muitas vezes, chegam a nós sem que nos detenhamos em sua busca. O acesso ao conhecimento e as informações são fáceis, onipresentes e acessíveis, propiciando a todos certa comodidade, já que este é imediato.

Para Gómez (2015), vive-se em uma aldeia global, onde as mudanças são rápidas e afetam nossas formas de ver, agir, pensar e expressar. Diante desses movimentos, é certo que aos educadores cabe a inserção de novas práticas neste tempo mutável, atentando para o aprimoramento de suas práticas cotidianas em sala de aula.

Ainda assim, este autor destaca que a globalização propiciou uma mudança na maneira de trabalhar. Aos que ainda não atentavam para ela, tiveram que se adaptar neste ano atípico, com a vivência em meio a uma pandemia. As formas de comunicação também se adaptaram ao



novo cenário, as quais acarretaram mudanças nas atitudes docentes. Gómez (2015) já havia tratado sobre a capacidade de usar as tecnologias da informação, pois as via como mais decisivas. Segundo ele, com o passar do tempo muitas atividades serão acessíveis somente por meio da rede, movimentos já experienciados neste ano de dois mil e vinte.

Diante de todas as transformações ocorridas neste ano letivo, emerge a necessidade de ressignificar as práticas, atentando para a formação de um cidadão que viva em ambientes digitais e que observe as possibilidades e riscos desconhecidos. Nas instituições escolares a tecnologia não pode mais ser considerada um método de transporte de informações, mas uma possibilidade de participação ativa dos sujeitos frente a gama de conhecimentos possíveis na internet.


Para uma melhor conceituação, Gómez traz uma definição da internet:

A internet, portanto, não é um depósito inesgotável de informações e uma base mais ou menos ordenada ou caótica base de dados, conceitos e teorias, uma biblioteca excelente e viva ao alcance de todos e todas, mas, sobretudo, é um espaço para interpretação e ação, um poderoso meio de comunicação, uma plataforma de intercâmbio para o encontro, a colaboração em projetos conjuntos, a criação de novas comunidades virtuais, a interação entre iguais próximos ou distantes, o projeto compartilhado e organizado de mobilizações globais, bem como a expressão individual e coletiva dos próprios talentos, sentimentos, desejos e projetos. (GÓMEZ, 2015, p. 21)

Concebendo a internet como um espaço interacional, corrobora-se com Horn e Staker (2015) que já destacavam a necessidade de mudança nas instituições escolares, tendo em vista que toda a gama de transformações digitais, aliadas as novas possibilidades, propiciadas pela pandemia, as formas de aprender permearam por ressignificações e mudanças nos papéis. Segundo os autores, cabe as instituições repensar em suas práticas para os anos vindouros, assegurando novas formas e espaços de aprendizagem, transformando-se em mediadores da aprendizagem e não meros transmissores de conteúdo.

Nesses últimos anos acentuaram-se diversas pesquisas e estudos sobre o ensino híbrido. Mas o que realmente é o ensino híbrido? Em nosso entendimento, o ensino híbrido é uma estratégia que envolve as modalidades presencial, em sala de aula e, também, on-line, por meio de ferramentas digitais. Este tema foi muito tratado em dois mil e vinte, porém, muitas são as reflexões passíveis nesse novo tempo da educação.

Assim como Bacich; Tanzi Neto e Trevisani (2015), entende-se que o processo de ensino ocorre de diversas formas, em todos os momentos e em múltiplos espaços, fatores que se comprova no período pandêmico. O formato de ensino híbrido propiciou aos educandos momentos individuais de estudo, estimulando-os a buscar novas fontes de informação e ter



períodos de trocas e interações, seja com os professores, seja com os colegas ou, até mesmo, com outras pessoas. Para o ensino híbrido todos são aprendizes e mestres, consomem e produzem informações, como bem apontam os autores:

Aprendemos por meio de processos organizados, junto com processos abertos, informais. Aprendemos quando estamos com um professor e aprendemos sozinhos, com colegas, desconhecidos. Aprendemos de modo intencional e de modo espontâneo, quando estudamos e também quando nos divertimos. Aprendemos com o sucesso e com o fracasso. (BACICH, TANZI NETO & TREVISANI, 2015, p. 28)

O desafio agora recai sobre a instituição escolar, a fim de proporcionar a formação do corpo docente para este novo mundo em que novas possibilidades surgem no processo de ensinar e aprender. Nas práticas educacionais as transformações devem ser significativas, de forma que os olhos docentes devem ser educados, vislumbrando uma nova maneira de enxergar para reinventar a escola (GÓMEZ, 2015). Nessa nova proposta concebe-se que as memórias de dois mil e vinte nortearão o processo formativo dos anos vindouros, possibilitando reflexões e contínuas (re)adaptações, a fim de reinventar os espaços e tempos escolares.


Coaduna-se com Bacich, Tanzi Neto & Trevisani em sua colocação:

Aprendemos mais e melhor quando encontramos significado para aquilo que percebemos, somos e desejamos, quando há alguma lógica nesse caminhar – no meio de inúmeras contradições e incertezas -, a qual ilumina o nosso passado e presente, bem como orienta nosso futuro. (BACICH, TANZI NETO & TREVISANI, 2015, p. 30)

Em busca dessa “significação”, recorre-se as memórias passadas para ressignificar o futuro, e essa memória é também parte da formação docente, pois experiências passadas, refletidas no presente, propiciam mudanças de postura e práticas futuras. A “voz” do professor, em meio a uma participação ativa e valorizada será a fonte transformadora deste novo tempo. Vislumbrando a educação como “viagem”, aperta-se os cintos e segue-se rumo a novos tempos, com novos olhares em uma “nova” instituição.

A MEMÓRIA ENQUANTO AGENTE DE FORMAÇÃO DOCENTE: ALGUNS CONCEITOS SOBRE MEMÓRIA E FORMAÇÃO

Nos estudos de Imbernón (2010) o pesquisador já apontava a importância de as escolas criarem espaços de reflexão e participação, onde os professores “aprendam” por meio da análise e reflexão de situações problemas trazidos pelos colegas. Em sua concepção, a instituição, enquanto espaço de formação, se faz necessária neste contexto, em que as tecnologias estão imbricadas nos processos de ensinar e de aprender.



O ano de dois mil e vinte, certamente foi um novo tempo de pensar sobre formas outras de se fazer a formação de professores, já que as reuniões e jornadas ocorrerão em meio aos espaços tecnológicos, assim como as aulas. Segundo Gómez (2015), os educadores têm que serem aprendizes permanentes, o que, para ele, é uma das competências fundamentais da atuação docente, aliada a investigação e reflexão de sua prática, como forma de comprometer-se com a aprendizagem e o desenvolvimento dos educandos.


É nesse sentido que Imbernón (2010) destaca que nos encontros de formação continuada há uma fomentação do desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores, como forma de transformação de suas práticas. Nesse sentido, compreende-se que as memórias podem ser fontes de reflexão de suas experiências, já que por meio delas os sujeitos ressignificam seus fazeres, entendendo-se enquanto profissionais, o que os possibilita uma mudança de postura de suas práticas.

Compreende-se, assim como Pollak (1992), que a memória é fenômeno construído coletivamente, sendo este submetido a mudanças constantes, assim, entende-se sua importância enquanto agente de formação do processo docente. Segundo Pollak (1992) há elementos constitutivos da memória, que ele denomina como acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos por tabela, dos quais pode-se exemplificar com as ações vivenciadas e aquelas partilhadas pelos colegas, durante conversas informais e jornadas pedagógicas.

Pensando nessas exemplificações, concebe-se a presença de personagens na memória de cada um, que são as pessoas encontradas no decorrer da vida, na concepção de Pollak (1992). Junto aos personagens são arrolados lugares, a que Pollak (1992) entende estarem ligados a uma lembrança pessoal. Para ele:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio do tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independente da data real em que as vivências se deu, (POLLAK, 1992, p. 202)

Vislumbra-se que esses lugares são todos os espaços em que se aprende o ofício da profissão e, os personagens, todos os que perpassam pela vida do educador, sendo colegas e professores que, por meio de falas e exemplos, os constituem educadores. Nesse sentido, a memória é concebida pelo autor como um fenômeno construído (POLLAK, 1992), já que a entende como um elemento constituinte do sentimento de identidade, pois ela permite a construção e reconstrução de si na decorrência do tempo.



Todos esses processos que giram em torno da memória, enquanto agente de formação, decorrem em um determinado tempo. Assim, recorre-se aos conceitos de espaços de experiência e horizonte de expectativas, advindos do pesquisador Reinhart Koselleck (2006). Segundo Zawaski (2019):

O espaço de experiência, para o autor, é o passado atual, a que Silva e Fontebasso (2013) compreendem como reatualização do presente, ou seja, uma experiência passada que se revitaliza no tempo presente. Os horizontes de expectativa, no entendimento de Reinhart Koselleck (2006) é o futuro presente, ou seja, aquilo que realizamos hoje, mas que ainda não pode ser previsto.


Atentando ao passado e o presente caracterizados por Koselleck (2016), constata-se ainda mais a presença da memória, imbricada nos processos de formação docente. Por meio de acontecimentos e interpretações do passado, reforça-se o sentimento de pertencimento a uma profissão, por isso a compreensão de que memória, formação e identidade tendem a correlacionar-se em um movimento constitutivo para ressignificação do fazer docente.

PERCURSO METODOLÓGICO: DIALOGANDO COM A METODOLOGIA E OS RESULTADOS

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo, baseado em uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2013), buscou investigar quais as “palavras” se perpetuariam na memória dos educadores, dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, de uma escola da rede privada de ensino, da região metropolitana de Porto Alegre/RS, atentando para a “memória”, enquanto agente de formação, já que por meio dela há a possibilidade de ressignificação das práticas docentes. Nesse sentido, optou-se por solicitar aos professores que relatassem “palavras” que se perpetuariam em suas memórias, do período pandêmico. Tendo em vista que estávamos vivendo um momento de isolamento social, a descrição das palavras fora solicitada através de um questionário on-line, por meio de um formulário do Google, como instrumento investigativo.

Participaram deste estudo vinte e cinco educadores, de forma que algumas palavras foram repetidas e, assim, a opção foi computar apenas uma, por isso o estudo totalizou dezenove termos. A pesquisa foi realizada no mês de setembro, sendo o prazo limite para o preenchimento do instrumento foi no dia nove de outubro de dois mil e vinte. Em um primeiro momento o foco da investigação era a produção de um vídeo com as palavras que percorreriam a memória dos docentes, para uma disciplina do Doutorado. Contudo, tendo em vista a grandiosidade do significado empregado por cada participante, aliado aos estudos da pesquisadora em sua Tese



de Doutorado, compreendeu-se que seria importante iniciarmos um percurso reflexivo da memória e formação, por isso, a realização deste artigo.

De posse destas pesquisas elas foram analisadas em uma perspectiva de análise do conteúdo (BARDIN, 2011), com foco em refletir sobre as palavras referenciadas à memória dos educadores e, posteriormente, analisá-las por meio do referencial teórico desta pesquisa. A seguir seguem os dados obtidos por esta pesquisa, assim como sua respectiva análise

ANÁLISE DOS RESULTADOS


Diante do questionamento “A partir do período que estamos vivendo, onde adaptações forma necessárias, aliando nossas práticas com a tecnologia, que palavra ficará em sua memória desses tempos atípicos?”, os vinte e cinco educadores, dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, trouxeram dezenove palavras, sendo que tiveram algumas repetidas, conforme consta no quadro abaixo.

Quadro 01 – Mensuração dos dados da pesquisa (Palavras da memória)

PALAVRA DA MEMÓRIA	QUANTIDADE DE EDUCADORES
Angústia	1
Dedicação	1
Desacomodação	1
Desafios	2
Educação	1
Empatia	1
Estudo	1
Inovação	2
Organização	1
Paciência	1
Persistência	1
Reinvenção	2
Resiliência	1
Resistência	1
Respeito	1
Solidão	1
Superação	2
Tecnologia	2
Transformação	2

Fonte: Autoria própria, 2021.

Atentando-se aos dados representados no quadro acima, percebe-se que há um grande grupo de termos que foram citados por apenas um educador participante, já outro grupo aparece com a mensuração de mais de um educador. Neste primeiro grupo de palavras, a memória dos educadores vincula-se a alguns sentimentos, como: angústia, paciência, persistência e solidão. Em meio aos relatos desses educadores o sentimento de “solidão”, assim como momentos de




“angústia” foram destacados, pois mudar práticas metodológicas e, por vezes, falar com a “tela do computador”, sem respostas, mostrou a eles um outro lado da educação.

Acostumados a partilhar suas angústias e os desafios de uma nova forma de educar, os docentes, neste período pandêmico, tiveram que se adaptar a um trabalho por vezes solitário, sem a presença da Equipe Pedagógica e Diretiva, assim como dos colegas, os quais estão acostumados a fazer partilhas, buscar conselhos e acalantos nas horas em que necessitam amparo. Diante das palavras “Dedicação”, “Desacomodação” e “Estudo” destacam que o nível de dedicação na pandemia foi muito além do empregado nas práticas presenciais, tendo em vista a reformulação de seus planejamentos, as intermináveis correções e os auxílios aos alunos fora do período de aula. Percebem a necessidade de estudos constantes, assim como o fato de desacomodarem-se e vincular em suas práticas metodologias diferenciadas, principalmente aliadas ao uso da tecnologia.

Sobre o exposto, coaduna-se com Walsh (2016), que entende esses processos como provocadores de movimentos de teorias e reflexões, os quais possibilitam construir novos caminhos, com olhares, trocas, escutas, sentimentos e vivências. Nesse sentido, as memórias trazidas em meio a essas palavras permitirão a reflexão de um árduo período, que proporcionou aprendizagens e uma nova forma de pensar na educação.

Descreveram que a “empatia” foi praticada e não apenas mencionada, já que em determinado momento de suas práticas, necessitaram colocar-se no lugar do estudante, entendendo as demandas oriundas da quantidade de tarefas, assim como da impossibilidade de conexão e, até mesmo, o motivo das câmeras fechadas. A “organização” e a “paciência” perpetuaram-se nesse ano letivo atípico, em que se fez emergente um plano que atendesse a todos, mas que ao mesmo tempo tivesse flexibilidade visualizando as especificidades de cada educando.

Os três “Rs”, da “Resiliência”, “Resistência” e “Respeito”, serão rememorados por muito tempo, segundo os educadores, já eles entendem que resistiram aos usos tecnológicos, mas chegado um tempo de mudanças, tiveram que inseri-los em suas práticas, pois sem a tecnologia ela não seria possível. A “resiliência” é trazida aqui como uma possibilidade de se adaptar, mesmo que “a duras penas”, como dito por uma participante, que atesta ter resistido a este instrumento durante suas aulas presenciais, mas reconhece sua primordialidade na atualidade.




Diante da memória da educadora, a partir da “resiliência”, atenta-se para a importância da formação em meio as redes colaborativas (VAILLANT, 2016). Para esta autora, a difusão de boas práticas entre os educadores, dentro dos espaços institucionais, em momentos de formação, possibilita aos docentes, a partir da escuta, reflexões, discussões e novas práticas, em meio a experiências que são vivenciadas dentro do ambiente.

Os “desafios”, a “inovação” e a “reinvenção” também ficarão na memória dos educadores, de forma que segundo uma participante, na escolha da profissão, esses termos são comuns no dia a dia da sala de aula, entretanto, no ano de dois mil e vinte sentiram esta palavra de forma mais expressiva e, segundo seus relatos, perceberam o que realmente seria desafiador. Para atender a nova demanda de sala de aula, seja em espaços, forma de atuação e estímulos de perguntas e respostas, tiveram que contar com a inovação, atentando para uma diversidade de meios tecnológicos que visassem uma aula mais atrativa e menos conteudista. Assim, foi preciso reinventar.

Essa reinvenção, ao ser rememorada, terá uma nova ressignificação na vida de cada educador. Assim, recorre-se a Brandão (2008) entendendo a memória como conhecimento. Por meio dela os indivíduos ingressam em um processo de aprendizagem, ensino e construção, possibilitando, assim, o fazer, desfazer e refazer, dando sentido as escolhas bem como as trajetórias seguidas. Aqui, firma-se mais uma vez a importância da memória como agente de formação, tendo em vista as aprendizagens que ela possibilita a cada olhar para o passado para ressignificação futura.

Nesse processo de reinventar cabe a reflexão de que este permeará por todas as práticas vindouras, tendo em vista que a sala de aula não será mais a mesma, assim como os processos de ensino e aprendizagem que passarão por uma transformação. Certamente, na memória dos educadores, ficará educandos diferentes, até o ano de dois mil e dezenove e, os novos alunos que serão recebidos a partir de dois mil e vinte um, mais autônomos, protagonistas de suas aprendizagens, que necessitam de mediação e não mais transmissão de conhecimentos.

Por fim, as palavras “tecnologia” e “superação”, termos que se fizeram presentes no ano de dois mil e vinte e serão rememorados nos tempos vindouros. O olhar para a tecnologia, certamente mudou, conforme destaca um dos participantes. Para o professor, a valorização da tecnologia e de todas as possibilidades que ela proporciona foi o que manteve o ano letivo e que tornaram parte das aulas mais agradáveis, possibilitando o protagonismo e novas experiências aos educandos.



Diante de todas essas palavras, assim como reflexões, a “superação” de todos os profissionais da educação também fará parte das memórias do tempo de quarentena, pois ao transpor a sala de aula para dentro das casas de alunos e professores algumas barreiras foram superadas. Nessa caminhada, a memória será a fonte de reflexão e de formação, pois por meio dela refletir-se-á sobre novas formas de ensinar e aprender e se transformará o conceito de educação, docência e de formação.

Assim, firma-se a importância de estudos sobre a memória enquanto agente de formação, refletir sobre essa possibilidade é possibilitar uma formação docente que acolhe e escuta as aprendizagens dos professores. Ao revisitar a memória, segundo Brandão (2008), analisa-se as escolhas realizadas, assim como as ações oriundas das práticas cotidianas, possibilitando o conhecimento de si e uma nova ressignificação para a atuação docente.


CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir as reflexões propostas, a partir do objetivo desta pesquisa, percebe-se a necessidade de seguir a caminhada investigativa, já que a memória enquanto agente de formação pouco vem sendo abordada no contexto educacional. Por meio das palavras dos educadores, percebe-se que a memória do tempo pandêmico permeará em suas práticas ressignificando-as e os transformando e “outros” profissionais.

Nesse sentido, atenta-se para a importância da formação de professores propiciando a eles relatar suas experiências e contemplar, por meio da memória, acontecimentos passados que servem de reflexão e formação para práticas futuras. Referencia-se aqui, mais uma vez, os estudos de Brandão (2008), que reconhece a memória como conhecimento, tendo em vista que ela possibilita a construção e a reconstrução da aprendizagem.

Como exposto, as “palavras” analisadas nas pesquisas trazem grande significado às práticas docentes e perpetuarão nas memórias dos educadores que perpassaram o período pandêmico. Ressalta-se que uma nova postura da educação e, um novo tempo e espaço serão necessários para atender aos educandos, de forma que cada educador destaca não ser mais o mesmo após essas vivências.

Atenta-se a importância de formações que primem as memórias docentes para reconstrução do educador e ressignificação de suas práticas. A difusão de boas práticas, por meio de diálogos entre os pares, possibilitará um novo fazer docente, por isso, refletir sobre a memória e trazê-la ao contexto educacional, dando a ela sua devida importância. Este estudo é



apenas o início de uma caminhada que permeia entre memórias e histórias enquanto agentes formadores da/na docência.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Francisco. **Revista Ei** – Ensino Inovativo. Volume Especial – Tecnologia no Ensino. Fundação Getúlio Vargas – São Paulo, 2015.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordinio. Memória (auto)biográfica como prática de formação. **Revista @ambienteeducação** – V. 1, n.1, Janeiro/julho 2008 – São Paulo.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

GÓMEZ, Ángel I. Pérez. **A educação na era digital: a escola educativa**. Porto alegre: Penso, 2015.

HORN, Michael B.; STAKER, Hrather. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos** (Tradução: Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira). Rio de Janeiro: Contraponto/PUCRJ, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social (Tradução Monique Augras). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

VAILLANT, Denise. Desarrollo profesional, evaluación Y políticas docentes em Latinoamérica. **Revista La educación em Latinoamérica**. n.4 – Julio-Agosto de 2016.

ZAWASKI, Tatiane Peres. **A autobiografia no processo de constituição docente: reflexões sobre “ser” professor do Ensino Médio**. 2019. 137f. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade La Salle: Canoas, 2019.

WALSH, Catherine. **Lo pedagógico e lo decolonial: entretejiendo caminos**. In.: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: practicas insurgentes e de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Ecuador: Abya Ayala, 2016.